

Editorial*Economia Brasil*

A saída pelo acordo

A idéia de um grande acordo entre empresas e trabalhadores, suscitada no último fim de semana pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco, ajusta-se com grande exatidão à realidade deste momento. Não há outro caminho, fora deste, para se produzir o objetivo primordial da sociedade brasileira, a queda da inflação. As medidas de política econômica adotadas até aqui foram ineficazes e o serão no futuro porque não foram elas capazes de suscitar solidariedade e apoio, fatores essenciais da sua funcionalidade.

Trabalhadores e empresas, entretanto, têm nas mãos o poder de harmonizar preços e custos, rompendo o ciclo perverso da mútua alimentação. Eles podem agir conjuntamente, mas não podem fazê-lo unilateralmente sem transferir rendimentos de um segmento ao outro. Estabilizados os dois vetores da corrida dos preços a luta contra a inflação se apossaria de formidável trincheira.

A eficácia da estratégia mencionada pela CNI depende, todavia, da participação ativa do governo, uma vez que ele detém a responsabilidade pelos dispêndios públicos, também inflacionários, e é o gestor da política cambial, que onera os custos do sistema produtivo. Além disso, o governo controla, embora não o admita, os juros do sistema financeiro, dramaticamente incidentes sobre os custos da produção. Se o governo aceitar a oferta dos industriais, assumindo sua parte no acordo proposto, não temos dúvida de que os trabalhadores farão o mesmo, porque nenhum setor da sociedade sofre mais do que eles as consequências da inflação.

O acordo, ou o novo pacto social, ou a união nacional, seja que

nome tenha a estratégia da luta comum de todos os brasileiros contra a inflação, é a única saída para o gravíssimo impasse que aí está. Não pode o país persistir sob inflação e recessão porque este binômio é um barril de pólvora. O que está mantendo a ordem no país é exclusivamente a abertura política que criou uma nova polarização. Mas seus efeitos não ultrapassam duradouramente a fome generalizada que grassa nos sertões do nordeste e na periferia das grandes metrópoles do centro sul. Se não abrirmos as comportas da economia, retomando-se o desenvolvimento interno e contendo-se a inflação que destrói a renda dos indivíduos, o barril explodirá. É para esta realidade que devem despertar os gestores da política econômica.

O próprio embaixador dos Estados Unidos, Anthony Motley, disse ontem em São Paulo que a ênfase brasileira na exportação é um equívoco. Temos que fortalecer o mercado interno, oferecer auto-sustentação à nossa economia porque o desenvolvimento baseado no mercado externo, além de socialmente injusto, é também inviável por força das restrições a que estão submetidas hoje todas as economias do mundo. Esta advertência do Embaixador americano deveria soar aos ouvidos do governo como o sinal de que chegou a hora de mudar. Ou rompemos a recessão, concomitantemente a um programa de distribuição de renda para a criação do mercado interno, ou continuaremos seguindo celeremente para um desastre de vastas proporções.

O acordo nacional, entre trabalhadores, empresas, partidos políticos e governo, é a saída para este impasse. Nenhum desses segmentos resolverá sozinho a grave crise brasileira.